

Ações e relações dos objetos nas casas de farinha em Cruzeiro do Sul Estado do Acre¹

Lucia Hussak van Velthem
Museu Paraense Emilio Goeldi/SCUP - MCT

Resumo:

A comunicação enfoca o sistema de objetos que integra as casas de farinha de Cruzeiro do Sul no Estado do Acre. Integrando o sistema agrícola local, esses objetos são produzidos e utilizados por pequenos agricultores e são valorizados pela sua capacidade de transformação, pela sua agência e menos pelas dimensões conectadas com a materialidade. Ademais, são compreendidos como capazes de se organizarem socialmente, de construírem relações, pois objetos e pessoas compartilham de um mesmo cenário onde atuam, ou melhor trabalham, de forma diferenciada, porém complementar. Proponho-me analisar, no contexto das casas de farinha, as formas de ação e organização dos objetos, descrevendo as suas principais características, o que permitirá repensar a concepção de “objeto utilitário”, contribuindo, assim, para as discussões sobre uma noção mais abrangente dos sistemas agrícolas enquanto patrimônio imaterial.

Palavras-chave: agricultura familiar, casas de farinha, sistema de objetos.

Introdução

A antropologia sempre se interessou pelas coisas materiais na medida em que cada sociedade humana é, por definição, composta de indivíduos que utilizam objetos e artefatos tanto na vida cotidiana como na ritual. Os objetos, bens culturais, conectam-se às necessidades de expressão, de transformação e perpetuação no mundo e constituem mediadores para as relações sociais, participando da construção de representações simbólicas e se integrando tanto às práticas como aos discursos (GONÇALVES, 1995, BONNOT, 2002). Na década de 1940 o antropólogo

¹ “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

francês Andre Leroi-Gourhan (1973) enfatizava que a tecnologia tinha o privilégio de ser integralmente experimental o que permitia a apreensão de um objeto a partir do plano material. Os estudos de Leroi-Gurhan se apoiavam exclusivamente no produto, descartando as concepções associadas. Concediam grande importância à forma e à sua relação direta com a aquisição e o consumo de produtos que assegurassem a alimentação e o conforto pessoal.

Embora considerado ultrapassado, esse procedimento não é, contudo, surpreendente, uma vez que os estudos de cultura material sempre foram influenciados pelas restritivas idéias acerca da própria natureza das coisas materiais e de seus limites enquanto objeto de pesquisa. após se alternarem durante longo tempo entre duas tendências: uma privilegiando elementos específicos das formas materiais e outra se dedicando aos diferentes sentidos da materialidade em si (MILLER, 1998). As recentes abordagens da cultura material fornecem tanto uma perspectiva teórica e conceitual, quanto enfocam o contexto cultural, o qual transmite sentido e significado aos objetos. Nesse panorama é repensada a própria noção de objeto, o que permite abordar questões que extrapolam as dimensões estritamente conectadas com a materialidade mesma das coisas e da exclusiva consideração dos objetos dotados de valorização estética ou ritualística. Um passo importante nesse sentido constitui o exercício que compreende os objetos materiais como sendo capazes de ação, de agencia, (GELL, 1998) articulando e construindo interações que se caracterizam por serem de diferentes ordens e operadas pelas coisas entre si e com as pessoas. É assim aberta uma nova via para os estudos de cultura material, a abordagem antropológica preocupando-se com o papel prático de mediação e transformação, exercido pelos objetos nos processos sociais.

A presente comunicação representa uma reflexão a partir dos dados colhidos na pesquisa de campo realizada em novembro/dezembro 2007 nos municípios de Cruzeiro do Sul e Rodrigues Alves no Estado do Acre². Enfoca objetos produzidos e utilizados por pequenos agricultores que integram as conhecidas “sociedades camponesas históricas” (ADAMS et al., 2006, p.16). Como muitas outras comunidades amazônicas não se identificam, contudo, enquanto “caboclos”, pois esse designativo é imputado aos índios de um modo geral e, sobretudo aos Katukina que moram

² Pesquisa realizada no âmbito do programa PACTA, “Populações locais, Agrobiodiversidade e Conhecimentos tradicionais Associados na Amazônia”, convênio CNPq - Unicamp / IRD – UR 169, nº 492693 / 2004-8, 2005-2009 financiamento IRD, CNPq, ANR-Biodivalloc e BRG. Autorização 139, (DOU 04/04/2006): ‘o acesso às informações disponibilizadas para as finalidades de bioprospecção e desenvolvimento tecnológico necessitam de obtenção de Anuência Prévia e de assinatura de Contrato de Utilização do Patrimônio Genético e de Repartição de Benefícios junto às comunidades envolvidas e de autorização específica do CGEN’. Participaram da pesquisa: Francisco Amadeu, Francisco Barbosa do Nascimento, Iolanda da Silva Nascimento, Adalgiso Vieira, Francisca Barbosa do Nascimento, Francisco Casimiro de Oliveira, Genildo Silva Bezerra, Raimunda Nonata Bezerra da Silva, Pedro da Cruz, Manoel Correa, Edmar Pereira da Silva, Francisco de Oliveira Costa, Elenilda Cruz da Costa.

nas redondezas. A esmagadora maioria dos agricultores que vivem na Vila São Pedro, a meio caminho entre os citados municípios, e nos ramais do entorno, denominados dos Paulino, dos Cruz e dos Macacos, descende de migrantes nordestinos, sobretudo cearenses e maranhenses, alguns chegados ao Acre nas primeiras décadas do século XX e outros mais tardiamente, nos anos de 1950, para trabalharem como seringueiros na extração da borracha. Desta forma, essa população é, em grande parte, egressa de seringais do Alto Rio Juruá e de outros lugares, alguns dos quais distanciados, situados no Estado do Amazonas.

Permanece reduzido o investimento em pesquisas acerca do processo de incorporação dos imigrantes nordestinos às sociedades amazônicas, o qual envolveu diferentes formas de contato e de intercâmbio mútuo. Esse processo abrangeu tanto a manutenção, como ocasionou mudanças, tais como o abandono de expressões, práticas e saberes entre os migrantes. Na região enfocada, os aspectos relacionados com a permanência e a inovação, podem ser encontrados tanto na confecção de utensílios domésticos e de trabalho, como nos processos de transformação da cana de açúcar (*Saccharum officinarum*) em rapadura e açúcar mascavo e da mandioca (*Manihot sculenta*) em farinha, para consumo próprio e para venda no mercado de Cruzeiro do Sul. As práticas e as concepções associadas ao processamento da mandioca constituem, portanto, de produtos decorrentes de um histórico de migrações - do Nordeste à Amazônia - e da atualidade dos sistemas sociais de trocas e da transmissão de experiências e de informações. Isso significa que, num quadro aparentemente homogêneo, relativo à cultura material encontrada das casas de farinha da região, há margem para particularizações semânticas e inovações formais e materiais, de cunho individual.

Nas casas de farinha da Vila São Pedro e arredores, objetos e artefatos, uns singulares outros complexos, permitem aos agricultores executarem as diferentes fases do processamento da mandioca, uma prática que integra o sistema agrícola regional e que tem início com a abertura de um roçado. Assim, os objetos são valorizados, sobretudo pela capacidade de executarem as complexas funções de transformação desse tubérculo em farinha. Isso decorre do fato de que funções complexas pressupõem objetos igualmente complexos, de um ponto de vista material, mas também relacional e conceitual. Neste sentido, evocariam aquilo que Gell (1996:29) denominou de “intencionalidades complexas” que são eminentemente conceituais e podem ser detectadas em objetos utilitários e na arte conceitual contemporânea. A análise dos artefatos procurou detectar esses aspectos e aqueles que estão relacionados com as ações e as relações que se desenvolvem no contexto da casa de farinha e que englobam pessoas e objetos, os quais atuam, ou melhor, “trabalham”, de forma diferenciada, porém complementar neste cenário.

Esta comunicação, ao focar aspectos relacionados com algumas concepções associadas aos utensílios da casa de farinha, pretende contribuir para o entendimento de sua dinâmica. Paralelamente visam fornecer, modestamente, novos instrumentos para se repensar as concepções estabelecidas acerca do objeto utilitário. Julgo que essa contribuição favorecerá a adoção de uma noção mais abrangente a esse respeito, nas discussões dos sistemas agrícolas tradicionais enquanto patrimônio imaterial.

Casas de farinha

A casa de farinha é o espaço onde é realizada a maioria das tarefas relacionadas com o processamento da mandioca. Nos municípios de Cruzeiro do Sul e Rodrigues Alves existem cerca de 3000 casas de farinha (EMPERAIRE, 2007:13). Ao longo dos ramais e na Vila São Pedro doze casas de farinha, de aspecto e dimensões diferenciados, foram visitadas e inventariadas. Localizam-se preferencialmente em área que apresenta ligeiro declive em relação às residências, mas suficientemente próximas para serem constantemente admiradas e vigiadas.



Dois tipos de casas de farinha – Ramal dos Macacos e Ramal dos Paulino – 2007

Algumas casas de farinha podem ter cobertura de palha de *caranai*³, chão de terra batida e serem desprovidas de paredes, outras, ou ao contrário, são cobertas por chapas metálicas e possuem piso cimentado e paredes de telas de náilon. Entretanto, todos os tipos de casa de farinha possuem dois espaços distintos: o *corpo* e a *varanda*. O corpo corresponde a uma parte central,

³ Uma palmeira, ainda abundante em alguns ramais da região. Quando mencionados pela primeira vez, os termos empregados pelos agricultores estão em itálico.

relativamente espaçosa onde está instalado o instrumental para o processamento da mandioca; as varandas são em numero variável e estão dispostas nas laterais e na parte traseira.

Na casa de farinha encontram-se complexos artefatos: o *banco*, a *prensa*, os *fornos*, as *gamelas* que são fixos e outros objetos que são móveis, como as *peneiras*, *rodos* e recipientes diversos. Os artefatos são compreendidos como “vivendo” neste espaço, do qual não se afastam para cumprirem outras funções, como as do âmbito doméstico. Uma vez que vivem na casa de farinha, os objetos possuem cada qual um lugar, que é referido como sendo o seu *canto*, um espaço que corresponde à posição - *sentada* ou *deitada* - que o artefato ocupa ou no qual se imobiliza quando não é empregado. Os grandes artefatos como a prensa ou os fornos são fixos no chão e, portanto, estão “sentados” em seu canto, outros como as pás e peneiras descansam sobre os grandes artefatos ou são suspensos em pregos nos pilares; os rodos se “deitam” em suportes especiais, presos nas vigas aliás, o *canto do rodo*.

A disposição dos artefatos na casa de farinha obedece a uma seqüência linear e, ao nos posicionarmos em seu principal acesso, descortinamos uma paisagem que compreende, da esquerda para a direita: o recipiente para receber a mandioca descascada e logo atrás o tanque para lavá-la, ao lado está instalado o banco que a tritura, logo depois a prensa que a enxuga e a gamela com as peneiras; mais adiante estão fornos com os rodos que servem para seca-la e que fecham esse alinhamento paralelo. A gamela de aparar a massa, que pertence ao complexo do banco, está disposta perpendicularmente a este, da mesma forma que a *caixa* que acondiciona a farinha e o *estrado* que protege os sacos de farinha, estão em posição paralela aos fornos.

Essa forma de dispor os artefatos na casa de farinha constitui, para os agricultores de São Pedro e ramais, uma estrutura que lhes é própria, definida como *um modelo coordenado por nós*. O alinhamento dos artefatos é considerado ideal porque potencializa os trabalhos de feitura de farinha e porque estabelecem uma nítida separação entre dois âmbitos, um que não envolve aquecimento e outro que envolve, e que são referentes à utilização dos artefatos no processamento da mandioca.

A casa de farinha e todos os objetos que a integram são de propriedade do genitor, o *cabeça* da família. A este cabe o direito de vendê-la e aos artefatos que a guarnecem, transação que é feita, geralmente, com uma pessoa aparentada, como um sobrinho, filho da irmã. Os artefatos e utensílios da casa de farinha são todos de confecção masculina e assim o proprietário pode ter confeccionado a sua totalidade ou apenas alguns destes, encomendando outros a um artesão mais habilidoso. Constatou-se no ramal dos Paulino que quando isso ocorreu, se tratava de parentes não consangüíneos, como um cunhado, que foi remunerado, e um genro que não foi pago, pois

utiliza a mesma casa de farinha. Alguns objetos, como o *caietu* e as peneiras circulares são adquiridos no comércio de Cruzeiro do Sul.

As matérias-primas empregadas na confecção dos artefatos compreendem diferentes tipos de madeira, identificadas como *angelim*, *bacuri*, *biridiba*, *birro*, *branquinha*, *cedro aguina*, *cedroado*, *itaúba*, *louro*, *louro bacate* (louro abacate), *morapiranga* (muirapiranga), *quaricoara* (acariquara), *tamacoaré*, *tarumã*, *toari*, *cuúba* (ucuuba). São retiradas dos trechos de mata secundária e de velhas capoeiras que ainda persistem nos lotes familiares ou então são compradas, sob a forma de tábuas, no comércio de Cruzeiro do Sul. O que determina o emprego de uma espécie vegetal na confecção de um artefato é antes a sua disponibilidade do que uma imposição técnica de confecção. Alguns objetos, como os componentes da prensa devem, entretanto, ser confeccionados com lenhos resistentes à pressão que recebem. Os rodos que servem para revolver a farinha devem, ao contrário, ser sempre de *louro* para se tornarem leves e relativamente maleáveis ao serem empregados. Nesse repertório de matérias-primas naturais se insere outras, industriais: telas e sacos de náilon, chapas de metal, pneus de carro e caminhão e o filtro de motor de trator, considerado indispensável para a confecção de peneiras eficientes e duráveis. Não devem ser esquecidas as ferragens que integram as prensas e o pequeno motor à diesel que faz girar o ralador de mandioca.

A propriedade dos artefatos não pressupõe a sua utilização exclusiva, uma vez que o proprietário compartilha seu uso “só com a família” como afirmam os agricultores, o que significa uma parentela extensa que engloba os filhos, os genros, os irmãos destes, sobrinhos e também vizinhos próximos, a ele ligados através dos laços de compadrio. Entretanto, o uso individual e exclusivo de um artefato se faz presente quando há a possibilidade do mesmo adquirir, de seu usuário, um determinado *jeito*. Este é o caso do terçado que deve ser individual pois a empunhadura, a *espiga*, logo se parte se esta ferramenta for utilizada por muitas pessoas. Um artefato ou utensílio deteriorado está *no fim da rama* e pode ser consertado ou então reciclado para ter outra serventia. Entretanto, quando a degradação é intensa, o objeto passa a ser referido como *defunto*, o que pressupõe o seu descarte em local afastado da casa de farinha.

Interações de parentesco e ações de trabalho.

Para os agricultores da Vila São Pedro a percepção dos artefatos que guarnecem a casa de farinha não comporta categorias indefinidas tais como “objeto” ou “coisa”, pois são sempre identificados, nomeados, uma vez que o nome lhes fornece sentido, permitindo a sua inserção cultural. Ademais, cada artefato está inserido em diferentes interações, que se processam tanto

com as pessoas que os confeccionam ou os empregam como com outros objetos, semelhantes e díspares, interações essas que revelam dimensões de sociabilidade, próprias às coisas. O ponto que desejo salientar diz respeito às relações que são estabelecidas entre os próprios objetos e nas quais a noção de coletivo predomina sobre a de individualidade. Desta forma, quando os agricultores mencionam determinados artefatos da casa de farinha como o banco, a prensa, o forno, fazem referencia não a três, mas a pelo menos a uma dúzia de objetos individualizados – peneiras, rodos, recipientes - que se congregam e assim formam conjuntos complexos. A complexidade funcional desses conjuntos resulta do seu próprio campo de ação, da sua funcionalidade e os insere, espacial e conceitualmente em novas interações que não são mais de ordem material e funcional mas constituem relações sociais.



A “família” do banco - Ramal dos Paulino - 2007

Os referidos conjuntos complexos são percebidos pelos agricultores enquanto *famílias* distintas⁴. Representam famílias pelo fato de “viverem” sob um mesmo teto, a casa de farinha onde cada objeto possui seu lugar, como mencionado. Embora significativo, o fator espacial não constitui o principal motivo para o estabelecimento de laços de parentesco no seio da casa de farinha. O elemento fundamental que determina esses laços são as correlações estabelecidas entre os diferentes objetos, as quais remetem a coincidências de nomenclatura, de aspecto formal e de função. Essas correlações permitem que os objetos estabeleçam entre si uma relação de

⁴ Na Vila São Pedro, os artefatos empregados na produção do açúcar mascavo (*gramixó*) também formam famílias. A mais importante é a da *fornalha* composta por vasos de ferro fundido de diferentes tamanhos, compreendidos como um grupo de dez “irmãos”.

parceria, de complementaridade na execução das funções que são requeridas para o processamento da mandioca. O sentido de família, aplicado aos diferentes conjuntos, representa a plena inserção dos objetos em um sistema de produção local, relativo à Vila São Pedro, e que está estreitamente relacionado com a unidade doméstica. Portanto, como os humanos produzem farinha a partir da estrutura familiar, os objetos também precisam se organizar da mesma forma para atingirem os mesmos objetivos.

Na casa de farinha, imperam três grandes famílias, a saber, a do banco, a da prensa e a do forno as quais possuem numero variado de componentes. Existem ainda duas outras famílias, menos numerosas, a do tanque e a da gamela. Em todas essas famílias, um componente é o principal e é reconhecido como o *cabeça*. Esse elemento representa o genitor ou a genitora daquele grupo familiar e o que determina se é um ou outro é a designação, masculina ou feminina, do componente principal. O *cabeça* é o objeto ou elemento que é reconhecido como sendo o executor da função mesma a que se destina o conjunto complexo e do qual ele é uma parte integrante. Em outros termos, trata-se daquele componente que permite que o conjunto, a família, torne-se produtiva. Na família do banco, o elemento de maior importância é o *caitetu* porque ele rala a mandioca, e na do forno é a *chapa*, porque é ela que seca a massa, transformando-a em farinha, para os diferentes tipos de prensa, é o *varão* ou o *parafuso* o elemento principal porque, ao serem acionados, permitem que a massa de mandioca seja espremida. Para a maioria dos agricultores, não há hierarquias entre as famílias, todas são igualmente importantes no processamento da mandioca.

O sentido de família entre os artefatos não se resume a essas considerações e, assim também se expressa de outra forma. Neste sentido ocorre um detalhamento do parentesco e, assim, são considerados irmãos e, portanto da mesma família, os artefatos que tem o mesmo nome, masculinos ou femininos, muito embora possam ter aspecto formal diferenciado, como é o caso das peneiras que são circulares ou retangulares. Desta forma, os rodos são considerados irmãos entre si, assim como os fornos, mas as gamelas, as pás, as peneiras formam um importante e diferenciado trio de irmãs. Entre os objetos há os irmãos mais velhos e os mais moços, de acordo com a ordem de confecção ou com o tamanho, como é atestado entre os fornos. O *forno de secar* a massa é maior e assim é o primogênito, o *forno de escaldar* é o caçula, uma vez que é sempre menor e, em alguns casos, mais baixo.

O estado de conservação do artefato ou o maior ou menor esmero em sua confecção determina apreciações estéticas que são exclusivas dos objetos considerados femininos, pois os masculinos não são alvo de apreciações desse teor. No conjunto das gamelas existem as irmãs

mais feias e que são as que acondicionam a mandioca descascada e as que recebem a massa triturada. Essas gamelas se opõem àquela em que é peneirada a massa crua e a escaldada, considerada a irmã *mais bonita* dessa família, devido o fato de ser confeccionada com esmero, utilizando-se uma matéria-prima valorizada e ainda pelas suas formas, apreciadas esteticamente, tais como as *canelas finas*, o que significa que essa gamela possui pernas compridas que a mantêm elevada, ao contrário das demais que, ou se apoiam diretamente no chão ou se elevam em pernas curtas e grossas.



Detalhe da prensa: o varão e a virge – Ramal dos Paulino – 2007

O nome não representa a única forma de particularizar sexualmente um artefato, pois determinados artefatos são compreendidos como dotados de antropomorfismo, cabeças, pernas, braços, ventres e elementos sexuais, masculino e feminino. Consequentemente, alguns objetos, ao se conectarem funcionalmente, formam um casal, o que permite detectar a existência de relações sexuais, criando uma nova dimensão nas relações sociais das coisas. A família da *prensa de varão* patenteia essa percepção pois o aspecto formal dos elementos envolvidos constituem, eles próprios, órgãos sexuais. Um de seus componentes, um vasto pilar de madeira denominado *mourão* é dotado de larga e comprida fenda, que é denominada, com picardia, como *virge*, porque conforma uma vagina; o outro elemento sexuado é uma comprida e grossa vara, referido com duplo sentido, como *varão* uma vez que representa um falo. A essas particularidades formais se soma o movimento, representado pela articulação mecânica dos componentes, referido como

acochar, o que significa um abraço apertado. Para prensar a massa de mandioca ralada, o *varão* se introduz na *virge* e, juntos como que executariam um ato sexual, para cujo realismo contribuiria a produção de um líquido, a *manipuera* que escorre pelo chão.

Os objetos da casa de farinha se reúnem em famílias não apenas pelos motivos referidos, mas porque há sobre os mesmos a nítida percepção de que “trabalham”, assim como trabalham as pessoas, como afirmaram diferentes agricultores. Na região a organização do trabalho gira em torno dos estreitos laços de parentesco, na unidade doméstica, aspecto que é válido para pessoas e objetos. Entre as pessoas congrega pais e filhos, genros, noras, netos e, além da produção de farinha, embasa momentos de socialização e envolve processos culturais de transmissão de conhecimentos entre gerações de uma mesma família (CARNEIRO DA CUNHA e ALMEIDA, 2002; RIZZI 2006).. Entre os objetos, o trabalho constitui a sua própria função e para uma atuação eficaz é necessária a aglutinação de vários elementos em um conjunto complexo, a família dos objetos. Uma marcante diferença das relações de trabalho dos humanos e a dos objetos, é o estabelecimento, por esses últimos e na casa de farinha, de relações de cunho erótico que são inconcebíveis para as pessoas.

O trabalho na casa de farinha compreende a organização das diferentes tarefas e que afeta igualmente os humanos e as coisas, os quais se agrupam em um conjunto binário e oposto de atividades, que são sucessivas. Desta forma, algumas pessoas e objetos *trabalham na frieza* e outros *trabalham na quentura*. A frieza compreende todas as atividades em que não há necessidade de aquecimento nas execução das etapas preliminares de produção da farinha: arrancar os tubérculos, transportá-los para a casa de farinha, descascá-los e lavá-los, ralar os tubérculos, prensar a massa, ralar novamente a massa e por fim a peneirar. A quentura, por sua vez, compreende justamente as etapas em que há calor nos procedimentos: acender o fogo sob os fornos, escaldar e peneirar a massa e também torra-la nos fornos específicos, transferir a farinha para a caixa e depois ensaca-la ainda quente, retirar as brasas da boca do forno. Em uma das casas de farinha visitadas, os artefatos relacionados com a frieza estavam pintados de uma cor e os referentes à quentura de uma outra cor, demonstrando essa nítida divisão. O paradoxal era que uma cor fria – verde claro – fora escolhida para os artefatos da quentura e uma cor quente – laranja – para os da frieza o que poderia, hipoteticamente, servir para neutralizar esses dois pólos.

Pessoas e objetos que trabalham na quentura não trabalham na frieza e vice-versa. Apenas um utensílio, a gamela de massa de mandioca, trabalha nas duas esferas tendo, portanto, uma

posição intermediária. Entretanto não há possibilidade de intercâmbio, pois um dos lados desse utensílio recebe a massa fria retirada da prensa e o outro a massa escaldada provinda do forno. Algumas gamelas possuem mesmo uma divisão interna para bem delimitar os diferentes espaços. Esse é igualmente o motivo porque são duas as peneiras, uma para a massa duplamente triturada e outra para a massa escaldada e, para não haver trocas, uma é circular e a outra é retangular.

No processamento da mandioca, o âmbito da quentura é considerado como o mais importante, o crucial, pois está em jogo a qualidade da farinha produzida. As mulheres podem realizar diferentes tarefas no âmbito da frieza tais como descascar, lavar, triturar a mandioca, mas elas jamais trabalham nas atividades que envolvem a quentura. As pessoas não devem transitar de uma para outra dessas esferas antagônicas e, sobretudo, não podem estar sujeitas à sua dupla ação, como seria molharem-se com uma chuva repentina ao estarem ocupados em retirar as brasas da fôrnelha ou então passarem diretamente da lavagem dos tubérculos para a secagem da massa ralada.

Notas finais: utilidade e transcendência

No Brasil, os estudos que enfocam a cultura material de povos indígenas na Amazônia se multiplicaram nas duas últimas décadas. A complexidade técnica e conceitual, atribuída aos artefatos indígenas, proporcionou requintadas análises através do prisma da antropologia da arte, acarretando grande visibilidade para o tema. A maioria dos estudos se direcionou para as estruturas semânticas do fazer artístico, considerando certas categorias artesanais, sobretudo cerâmica, cestaria e plumária ou então para as representações gráficas, que se expressam na pintura corporal ou em artefatos. Essas pesquisas permitiram revelar, entre os povos indígenas, categorias de percepção estreitamente relacionadas com a cosmologia e a organização social, e apontaram para a importância da estética na construção de identidades (BARCELOS NETO, 2002; VELTHEM, 2003, LAGROU, 2007).

No outro extremo, a ausência de atributos que ultrapassem os valores de uso, seria uma das características dos objetos produzidos em outras sociedades amazônicas, tais como a dos pequenos agricultores, dos pescadores artesanais, dos ribeirinhos, o que poderia ser atribuído ao desinteresse por estudos aprofundados da materialidade existente nos contextos produtivos desses segmentos sociais. Para a reavaliação desse quadro é necessário que os estudos que se defrontam com objetos aos quais não se atribui, *a priori*, nenhum valor estético, adotem uma postura que ultrapasse o utilitarismo com que os mesmos sempre foram abordados e neles se busque a transcendência oculta.

As páginas anteriores procuraram demonstrar que os artefatos da casa de farinha na vila São Pedro são percebidos por seus produtores e proprietários como dotados de atributos que extrapolam a sua utilização. Essas características se expressam de diferentes formas, uma das quais compreende um estatuto individual, próprio a cada objeto, e que permite identificá-lo sobretudo através do nome e do sexo. Há igualmente uma apreensão coletiva que insere os objetos em uma verdadeira rede a qual é constituída por diferentes relações. Essas interações possuem base familiar, porquanto os artefatos são compreendidos como dotados de laços de parentesco consanguíneo e afim: grupos de irmãos, genitores, casais.

O sistema de interação operante no espaço da casa de farinha engloba ainda as relações que são estabelecidas entre os objetos e as pessoas. Revela assim a participação mútua em uma cadeia de dominação que compreende a ação dos humanos sobre as coisas e destas sobre os tubérculos. Consequentemente, as pessoas dominam os objetos através da sua ordenação neste recinto, das matérias-primas de confecção que lhes transmitem robustez ou leveza e assim se tornarem *maneiros* ou maleáveis ao serem empregados e, ainda, do uso de medidas que impedem a sua locomoção, como a atracação dos fornos de uma forma que é análoga a amarração dos porcos domésticos. As formas como os objetos agem sobre as mandiocas não é anódina, pelo contrário, como demonstra o vocabulário empregado pelos agricultores: a faca *rapa*, ou melhor, “esfola” os tubérculos; o ralador *ceva* a mandioca, o que significa que “devora” essas raízes; a prensa *achocha* a massa de mandioca ou a espreme em apertado “abraço”; o forno *seca* a massa, em outros termos, a “desidrata” reduzindo-a à condição de farinha.

O trabalho dos artefatos, portanto, não é apenas evidente, mas é fundamental neste contexto, pois constituem os elementos que verdadeiramente “dominam” o processo que transforma a mandioca em farinha.. Sem a ação dos artefatos nada ocorre e, portanto, é preciso considerar nesse processo que os objetos não são passivos, mas oferecem resistência, são cheios de “vontades”: a prensa deve “querer” apertar a massa de mandioca, o rodo precisa se tornar “dócil”; o forno é que “sabe” se a farinha será boa ou não.

A resistência dos objetos é uma decorrência das complexas ações transformativas, que são requeridas para o processamento da mandioca. Mas não é apenas esse aspecto que é importante, pois como afirmou Gell (1992: 48) é justamente a “resistência” oferecida pelos objetos o elemento que os valoriza. Os artefatos compreendem seres providos de ação, robustos e eficazes, que complementam a ação dos corpos humanos, porquanto representam eles mesmos, outros

“corpos”⁵, masculinos e femininos. A atuação dos objetos, a sua funcionalidade é percebida como trabalho o qual, em sua estruturação, deve refletir a principal organização operante na região, que é justamente a da agricultura familiar. Os artefatos espelham o referencial humano, porque são compreendidos, eles também, como entidades sociais que se organizam nas casas de farinha.

Referências:

- ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (Orgs). **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume. 2006
- BARCELOS NETO, A.. **A arte dos sonhos, uma iconografia ameríndia**. Lisboa: Assírio e Alvim/ MNE, 2002.
- BONNOT, T. , 2002. La vie des objets d’ustensiles banals à objets de collection. Paris: Editions de la Maison des sciences de l’homme.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. M.; ALMEIDA, M. (Org). **Enciclopédia da Floresta. O alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- EMPERAIRE, L. Volet Amazonie – **Biodivalloc –Engref** . Brasília/Paris, IRD-Unicamp, Datilo. 14 p. 2007.
- GELL, A. The technology of enchantment and the enchantment of technology. **Anthropology, art and aesthetics** , Oxford: Clarendon Press, p.40-63. 1992.
- Vogel’s net: traps as artworks and artworks as traps. **Journal of Material Culture** V.1 (1), p.15- 58. 1996.
- Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon Press. 1998.
- GONÇALVES, J.R. 1995. O templo e o fórum: reflexões sobre museus, antropologia e cultura. A invenção do patrimônio .Rio de Janeiro: Minc/IPHAN p 27-40.
- LAGROU, E. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agencia em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2007.
- LEROI-GOURHAN, Milieu et techniques. Paris: Editions Albin Michel.
- MILLER, D. Groans from a bookshelf: new books in Material Culture and Consumption. **Journal of Material Culture**. V.3 (3): 379-391. 1998.
- RIZZI, R.. **A farinha de mandioca de Cruzeiro do Sul: um estudo de caso sobre mudanças culturais e ecológicas**. Datilo 7 p, 2006..
- VELTHEM, L.H.VAN **O belo é a fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana** . Lisboa: Assirio e Alvim/ MNA, 2003.

⁵ A respeito da corporalidade dos artefatos ver Velthem, 2003 e Lagrou, 2007.